

O IMPACTO DAS PRÁTICAS RACISTAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO.

Mônica da Silva Francisco
PPGEDUC-UFRRJ

Maiza da Silva Francisco
PPGEDUC –UFRRJ

Bianca Cristina da Silva Trindade
PPGEDUC -UFRRJ

RESUMO

O presente artigo visa trazer contribuições e reflexões que ocorrem dentro das instituições de ensino com os discentes afro-brasileiros dentro desse contexto escolar pensando como a Educação das Relações Étnico-Racial pode contribuir para possíveis mudanças de paradigmas e conceitos. Para isso é importante a reflexão a partir da valorização da cultura hegemônica e a subalternização de outras culturas. O cotidiano escolar tornou-se o lócus de conflito étnicos, para os discentes negros diferentemente dos discentes brancos no qual é privilegiado no espaço escolar pela sua cor de pele. Para isso é importante a reflexão sobre o impacto que as práticas racistas vivenciadas nas escolas podem contribuir para desvalorização da identidade do aluno. Para tanto, utilizamo-nos de pesquisas de especialistas da área, bem como de diversos outros autores que durante suas explicações teceram ideias sobre a questão.

Palavras –Chave: Discentes, Escola, Racismo e Identidade.

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela).

A epígrafe acima é uma frase de Nelson Mandela que contribui muito com a proposta de reflexão que busco trazer neste escrito. A situação apontada Mandela é sobre o racismo, que conduz uma reflexão em relação como está prática que constitui na sociedade cotidianamente e reproduzida na escola. De acordo com, Cavalleiro (2008):

A construção do racismo atual deriva, em certa medida, das teorias evolucionistas do século XIX, que acabaram por influenciar várias áreas do conhecimento, entre elas a Biologia e as Ciências Sociais. A idéia de igualdade entre os homens defrontava-se com a afirmação da existência de uma hierarquia racial entre os homens, o chamado racismo científico.

De acordo com Hasenbalg (1982),

os conceitos do denominado racismo científico, de geração em geração, acabaram por se tornar comuns na sociedade contemporânea, justificando e mantendo as práticas racistas, espalhando o preconceito e promovendo a discriminação, o que prejudica essencialmente o grupo negro. (CAVALLEIRO, 2008, p.29)

Nosso desafio como educador e cidadão fazer com que a lei seja enraizada nas escolas de educação básica para que nossas crianças e jovens conheçam e se respeitem no espaço escolar, pois na educação escolar assumir a diversidade significa reconhecer e valorizar as diferenças étnico-raciais. Ancoramos os nossos estudos nas pesquisas de que nos dão suporte teórico Nascimento (2003) para pensarmos essas questões.

Nascimento (2003) o racismo é uma concepção de pensamento que se manifesta através de práticas que reproduzem o “processo de desumanização, gerando a exploração entres os povos. Que pode operar desigualdades sociais, o racismo cumpre funções mais amplas de dominação como ideologia de hegemonia ocidental que transmite e reproduz o processo desumanização dos povos dominados” (Nascimento 2003, p.58).

Moore (2009, p.38) pondera que o racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos, com isso, o resgate histórico dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, nas áreas social, econômica e política. E principalmente a luta por uma escola mais justa, igualitária e contra as desigualdades são foco da Lei, é o que trata este artigo. Neste contexto, ressalto a necessidade de construção e reconstrução de valores sociais no espaço escolar que valorizem o percurso histórico-cultural desse segmento da população brasileira.

Munanga (2004) define o racismo como o pensamento ideológico que estão presentes em alguns grupos baseados em raças superiores aos brancos e raças inferiores da população negra. É importante ressaltar que esse termo racismo surgiu no século XIX a partir da construção de pensamento darwinista que teve como embasamento científico o determinismo biológico. “Que acreditavam na inferioridade das raças não brancas sobre tudo a da raça negra” (Mananga, 1999, p. 52). Uma contribuição importante foi dada por Fanon (1995) a escrituras que e revelaram insuficientes,

O racismo vulgar primitivo simplista pretendia encontrar o biológico a base material da doutrina. Seria fastidioso lembrar os esforços empreendidos nessa altura: forma comparada do crânio, quantidade e a configuração dos sulcos dos encéfalos, características das camadas celulares do córtex, dimensões das vertebrae, aspecto microscópico da epiderme, etc, (FANON, 1995, p.87)

Tais ideias racistas baseadas no pensamento europeu consolidaram no modelo ideológico brasileiro, que encontra num país que a maioria da população de origem africana e mestiço. Como afirma Salles

e Soares “O sangue negro havia contaminado irremediavelmente a população “ (2005, p.114) deste modo a solução encontrada para realizar uma limpeza étnica no Brasil, era adotar a ideologia do branqueamento. Assim, o Brasil foi constituído através de política, e ideologias racistas, os conceitos de raça serão empregados de acordo com a relação de poder. Os afro-brasileiros “não são definidos por uma gota de sangue negro faz de alguém um negro”. A classificação é a através da cor de pele na qual define a pessoa negra e não negra. Podemos concluir com Siss,

Já não se constitui como novidade a inadequação do emprego da variável raça, tomada no seu sentido biológico, como mecanismo explicativo da diversidade humana. Ela deve ser percebida aqui, como um dos mecanismos de estratificação social que opera fundamentado na percepção da diversidade fenotípica, como, por exemplo, cor da pele, textura de cabelo e outros sinais diacríticos. Ela se reveste de fundamental importância na medida em que opera enquanto determinante de distinção social, ou seja, da alocação dos indivíduos na estrutura social. As desigualdades sociais e étnico/raciais podem ser então percebidas como históricas e socialmente produzidas, constituindo-se como o resultado de relações de poder assimétricas, social e politicamente construídas. (SISS, 2009, p.16)

AS PRÁTICAS RACISTAS NO COTIDIANO ESCOLAR

A escola é o primeiro momento no qual o discente possui contato fora da esfera familiar, sendo o espaço de comunicação, interação com os colegas, possibilitando entender seu papel na sociedade. A instituição de ensino possui o papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois possui vários projetos que estimulam os alunos, ampliam seus conhecimentos relacionados a outras culturas, informações, tornando o micro- universo da criança.

É importante sublinhar que a escola como Locus que estende os valores da sociedade e (re) produz na sua esfera prática racista, nesse sentido nas instituições de ensino dos alunos pretos sofrem discriminações raciais dentro de sala de aula, sendo insultados pela sua cor da pele suportando toda forma de agressão seja por parte dos amigos. E através dos próprios matérias visuais, áudio visuais que carregam o mesmo conteúdo viciados e depreciativos em relação a cultura não ocidental.

Estudos realizados por Santos (2005) aponta que a “discriminação racial é conceituada como uma negação dos direitos e posições a alguém pelo simples fato de pertencer a um conjunto de indivíduos portadores de características inatas que os estigmatiza socialmente. ” (SANTOS, 2005 p. 43). Contudo a discriminação tem como caráter a supervalorizar determinadas culturas, dando à ideia que seja superior a outra desenvolvendo no discriminado o sentimento de inferioridade em relação a

outro grupo étnico. Neste sentido a discriminação pode causar danos irreparáveis para que sofre tal praticas principalmente para alunos pretos que sofrem discriminações raciais dentro do âmbito escolar.

Os valores estéticos que são estabelecidos dentro da sociedade na qual valoriza apenas uma etnia através das mídias, meios de comunicação, principalmente nos materiais impressos prevalecendo e (re) afirma a valorização da cultura ocidental (in) visibilizando e criando estereótipos negativos para outras culturas. Os estereótipos geram preconceitos promovendo a exclusão do indivíduo que não pertencentes tais grupos. Como afirma Silva (2008, p.17).

Promovendo a exclusão, a cristalização do outro em funções e papeis estigmatizados pela sociedade, auto- rejeição e a baixa auto- estima que dificultam a organização política do grupo estigmatizado. E necessário refletirmos até que ponto os estereótipos criados pela cultura Ocidental como padrões podem influenciar na invisibilidade de outras etnias (SILVA, 2008, p.17).

A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO NO AMBIENTE ESCOLAR

É sabido que a literatura proporciona a criança o desenvolvimento do conhecimento social e a construção de conceitos, proporcionando o leitor uma transferência do mundo real para o mundo do personagem. Vivenciando todas as sensações, sentimentos, que ocorre na estória tornando o sujeito. As imagens ilustradas nas histórias, fabulas, também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. (LIMA, 1998.p.14).

Ao pensarmos sobre esses contos podemos constatar que perguntas simples podem ser respondidas quem são as princesas/ os príncipes? Como são essas princesas /esses príncipes? Onde eles vivem? Logo deduzimos que esse grupo descrito nas fabulas são povos de origens ocidentais que merecem viver felizes para sempre.

Quando buscamos questionamentos para responder tais implicações que estão constantemente nos livros, nas histórias, contos, etc. Que apresentamos aos nossos alunos como construção de saber, muitas das vezes utilizamos essas obras literárias para propor o ensino de forma lúdica. Sem uma reflexão sobre os valores culturais, valores religiosos, padrão estético, que estão embutidos dentro da história.

Deste modo os valores tantos culturais, religiosos e estéticos descrita nos livros valorizam e potencializam a cultura eurocêntrica. Criando na criança não –branca uma desvalorização o seu próprio estereótipo e a sua cultura. Em contra partida a cultura não Ocidental, os seus valores e costumes e principalmente a criança negra é ilustrada nos livros como inferiorizada, excluída não possuindo nomes próprios, nem família. Criando a ideia que os negros não possuem capacidade para ocupar um lugar de prestígio na sociedade. Conforme afirma Castilho,

A literatura infantil que os alunos lêem nas escolas com maior frequência raramente mostra famílias negras felizes e bem-sucedidas, personagens negras bem vestidas; raramente há príncipes, reis, rainhas de cor negra, assim como também não é comum ver um negro na capa de um livro, ou sendo o personagem principal. (CASTILHO, 2003,p.109)

A autora Heloisa Pires Lima, em seu **artigo Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil** nos convida a reflexão da maneira que os personagens de origens africana aparecem na Literatura infanto juvenil mencionamos também a importância das literaturas afro-brasileira . **Nana & Nilo – que jogo é esse?** Do autor e Filósofo Renato Nogueira, que propõem o regaste literário filosófico da infância tendo como foco a criança –negra, que buscam conhecer a cultura do seu povo. A realização desta oficina será propor questões de gênero e diversidade, pensando em promover processo de formação repensando esteticamente o currículo afrocentrado e as ações didáticas do processo de ensino e aprendizagem das Artes e a Literatura na Educação Básica, com foco na ampliação do conhecimento e promover novos saberes condicionados à prática docente.

Na formação do educando, pois através dos livros, contos, que o aluno tem a possibilidade de conhecer a história de outras culturas e povos. Uma vez que a história de determinado cultura seja relatada de forma errônea colabora que o leitor transfira opinião negativa respeito daquele ambiente, daquele tipo de pessoa ou sentimento.

Neste sentido a importância de como os autores, editores, roteirista, etc. Irão vincular a imagem de forma depreciativa de determinado povos, pois a mesma age como instrumento de dominação real por meio de códigos embutidos em enredos racialistas, comumente extensões e representações das populações colonizadas. Autora ainda exempla a de como a forma vinculada do negro em relação ao processo escravagista ocorrido no Brasil, aparecem sendo naturalizadas, reforçando os sentimentos da dor, da condição de subalternização, mantendo marca da condição de inferiorização pela qual a humanidade negra passou. Assim, cristalizar a imagem do escravo de escravo torna-se uma das mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência toda a população negra naturalizando-se, assim uma inferiorização datada.

Dentro dessa perspectiva a imagem do negro nas obras literárias são retratadas de forma negativa que possibilita a disseminação do racismo, preconceito estimulando uma valorização sobre a cultura dominante. Como afirma Silva;

Ao veicular o estereótipo que expandem uma representação negativa do negro uma representação positiva do branco (...) está expandindo ideologia que alimenta outras ideologias das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, as quais se conjugam com a não legitimação, pelo Estado dos processos civilizatórios indígenas, africanos entre outros constituintes da identidade cultural da nação (SILVA,2008p. 19 apud SILVA,1989, p.57).

O estereótipo construído dentro das obras literárias a partir do olhar da ideologia que representa a classe hegemônica, agindo como símbolos/ padrões, tem como propósito inviabilizar outros sujeitos participantes dentro da sociedade. Tais pensamentos estabelecidos de forma sutil na literatura brasileira contribui para que a imagem do negro como feio, assustador, ausente de beleza, de forma animalizada ou até mesmo bestificada bem diferente que apresentado da cultura ocidental com o sinônimo da inteligência, povos civilizados. Segundo Andrade (2008, p.116)

A ausência de referência positiva na vida da criança e da família e nas obras literárias e nos demais espaços que esgarça os fragmentos da identidade da criança negra, que muitas vezes chega na fase adulta com total rejeição a sua origem racial, que lhe traz prejuízo á sua vida cotidiana. (ANDRADE, 2008, p.116)

A escola deve proporcionar uma educação que contemple a todos os sujeitos pertencentes ao ambiente escolar, evitando a utilização de material didático de cunho preconceituoso que possa comprometer a formação da criança. Castilho assevera:

Do ponto de vista educativo, esse processo pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da formação da criança branca. Para a criança branca essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua "raça", por outro lado, pode subestimar; estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança não-negra. (2004.p.109)

Diante desse modelo apresentando na literatura como lócus de (re) produção do pensamento hegemônico tornando apagamento de outras culturas. Como a poesia, os textos descritos pelos autores sobre outras culturas. Partem da ótica do colonizador. Como descreve Bhaba sobre o discurso poético do colonizado, não encena "O direito de significar, como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o colonizado e seu mundo". (Evaristo 2007, p.7 apud BHABA,1998, p. 321).

Partindo dessa premissa, que nós professores precisamos trabalhar com a diversidade étnico-racial é composta nosso país, buscando descolonizar a escola e propor uma literatura que possibilite a

desconstrução dos estereótipos. Transgredindo o sentido da história oficial, apresentando fatos novos que constam no discurso do colonizador, buscando imprimir uma autoria negra a sua história, onde se lê apenas a marca opressora do Dominador. (EVARISTO, 2007, p.13)

Nesse sentido, nós educadores podemos buscar bibliografias que discutem a temática raciais, propondo nossos alunos uma educação voltadas a pluralidades de sujeitos que são compostas na escola, dentro dessa perspectiva faz necessário que a escola seja espaço multicultural que compreenda essa pluralidade de raça e padrões culturais.

Hall define o multiculturalismo sendo:

O termo "multiculturalismo" é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. Uma sociedade multicultural na qual descreve o autor é uma sociedade majoritária que se baseia na cidadania que individualiza as suas práticas culturais privilegiando a identidade das questões econômicas. (2003,p. 51).

De acordo com Siss:

O multiculturalismo constitui-se como uma característica fundamental e intrínseca às sociedades que se constituem como culturalmente estratificadas e nas quais essa diversidade é percebida como um dos principais elementos de tensão dos processos de construção da unidade nacional. Nas sociedades assim estruturadas, os grupos sociais “excluídos dos centros de decisão por questões econômicas e, sobretudo por questões culturais” problematizam e contestam de forma veemente a unidade nacional. É por isso que o multiculturalismo é geralmente concebido como problemático por aquelas sociedades que, sendo culturalmente diversificadas representam-se como monoculturas (1998, 2002, p.137).

De acordo com esses autores o multiculturalismo busca a integração das sociedades multiétnicas buscando promover o fim da desigualdade social e conflito gerado pela diversidade étnica existente. Reconhecendo as diferenças e promovendo diversidades culturais de todos os povos que vivem na mesma sociedade. Permitindo leituras diversificadas de seus significados e estruturação, dependendo do tipo da sociedade no qual ele se apresenta e do contexto sócio- histórico do momento em que ele emerge (Siss,2002, p.137). Neste contexto existem vários tipos de multiculturalismo que irão manifestar de formas distintas em determinados países.

Hall define alguns tipos de multiculturalismo: pluralista, comercial, liberal, pluralista, corporativo, crítico, conservador, dentre esses multiculturalismos apresentado o que mais identifica com o contexto histórico, relacionados das desigualdades, preconceitos, discriminações raciais que tem no Brasil, portanto dotar o multiculturalismo crítico na construção das políticas educacionais que compreenda a diversidade étnica, reconhecendo as a polissemia de vozes existentes. Canne, define multiculturalismo crítico como,

O multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica busca articular as visões folclóricas a discussões sobre as relações desiguais de poder entre as culturas diversas, questionando a construção histórica dos preconceitos, das discriminações, da hierarquização cultural. (2003, p.93)

O multiculturalismo crítico tem o papel fundamental na construção das políticas educacionais. Portanto, o multiculturalismo surge como movimento nas sociedades multiétnicas que luta por igualdade e respeito. Nessa perspectiva a educação multicultural propõe ambiente escolar que reformule toda a sua estrutura, possibilitando uma reelaboração dos conceitos anteriores construídos na instituição de ensino. Cabe a escola reconhecer a diversidade étnica e identificá-la como parte de um processo educacional investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e incluindo as outras culturas no currículo escolar, rompendo o privilégio da leitura hegemônica.

Podemos concluir faz necessário uma instituição de ensino que contemple as diversidades étnicas e identificá-las como parte de um processo educacional investindo a superação, de qualquer tipo de discriminação e incluindo as outras culturas.

AÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

As ações ao combate as práticas racistas no ambiente escolar estão relacionadas com diversos fatores que são possíveis identificar que envolve o projeto político pedagógico, os professores, os diretores, os pais e responsáveis pelos discentes, os coordenadores pedagógicos, os funcionários, todos devem estar envolvidos para que ações sejam realizadas no interior da escola.

É de suma importância em trabalhar com a Lei 10.639/03 nos ambientes escolares de Ensino Fundamental e Ensino Médio tendo como objetivo apresentar os aspectos históricos, políticos e sociais do negro no contexto escolar para a promoção de uma educação étnico-racial. As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira vigente desde 1996, modificada pela Lei 10.639 em 2003, ampliada pela Lei 11.645/2008, no seu Artigo 26ª (LDBEN), passou a ter a seguinte redação: Nos

estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.

O Artigo acima ao introduzir a história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas no currículo escolar coloca a necessidade de se (re)pensar a educação nacional, nos diferentes níveis de ensino, no contexto de uma sociedade plural, estratificada, os como é a sociedade brasileira (FERNANDES, 2012).

Estudos feitos por registram que as ações pedagógicas voltadas para o cumprimento dessas. A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população.

Lei 10.639/03 antes da sua extinção foi ampliada para 11.645/08 atualmente foi incluída na Lei de Diretrizes Básicas de Educação Art. 26-A em seu inciso § 1º O conteúdo programático a que se refere a inclusão do estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra (o) brasileira (o) e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro na área social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Nas ações realizadas pelos professores, orientadores pedagógicos, com apoio de todo o corpo escolar que proporcione uma Educação voltada para relações étnicas raciais, com a finalidade de produção de conhecimentos que envolvem o direito de aprendizagem de diversas etnias como forma de exercício à cidadania partindo do (re) conhecimento de diversas culturas e sua pluralidade, garantindo a valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Nesse sentido que apresentarmos a importância de trabalhar com a diversidade na escola no cotidiano tornando o trabalho que desenvolva as atividades diárias no currículo, que contribuam para erradicação do racismo e todas as práticas discriminatórias no âmbito escolar.

PROJETOS

Esse projeto foi desenvolvido em uma escola particular (XXX) no município de São João de Meriti e outra Escola Estadual no município de Queimados ambas no Estado do Rio de Janeiro, no qual tivemos uma parceria da direção da escola de desenvolvermos o trabalho contínuo sobre as diversidades étnico –racial.

Deste modo podemos relatar a nossa experiência enquanto docente em uma escola acima citada iniciando pela escola localizada em São João de Meriti que realizamos o projeto “Vários Olhares”- realizado pela professora Maiza Francisco, tinha com objetivo através da ótica do aluno apresentar a construção de pensamento do discente e a formação que o educando estava tendo no ambiente escolar.

A justificativa para realização do projeto foi a partir da aula do sexto ano que a professora da disciplina História, mencionou a escravidão no império romano, o aluno identificou que os povos romanos não poderiam ser escravos porque eles eram brancos. Para alguns alunos não existia a possibilidade da escravidão para pessoas da cor de pele branca, somente para os negros.

Diante dessas discussões ocorridas em sala de aula, começamos a inserir em nossos conteúdos outras culturas para que os alunos conseguissem ter um parâmetro e pudesse participar do projeto Vários olhares. Utilizamos vários autores relacionados ao tema para que os alunos pudessem obter fundamentos para que eles conseguissem realizar a sua pesquisa.

O tema proposto através de sorteio foi o continente africano, no qual os alunos buscaram através de pesquisas relacionados a alguns países, o tema dentro do continente eles poderiam escolher a turma

dividiu em quatro partes, tivemos alimentação, poesias, os deuses africanos, máscaras africanas, deuses africanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo está inserido no sistema capitalista moderno e na construção da sociedade, são pautadas por uma idéia hegemônica na qual criou-se uma hierarquização das raças, na qual denominou-se os povos de oriundos da cultura ocidental civilizados e outras culturas subalternas. Nessa pirâmide na qual determina o grande poder de conhecimento, cultural e estrutura civilizatória encontra-se indivíduos de cor branca. As demais culturas que não atende essa ocidentalização projetada está subalternizada.

A escola como elemento essencial da sociedade reflete o mesmo mecanismo que gera preconceito e diferença no tratamento do aluno não-branco. Como está inserida nos padrões culturais da sociedade reflete essa postura no cotidiano escolar, embora seja composta em seu espaço físico diversas culturas étnicas, ainda permanesse essa barreira que impede o rompimento com os pensamentos hegemônicos. Deste modo temos uma escola que reconhece a composição dos seus atores sociais, e percebe que o modelo estabelecido não consegue administrar os conflitos étnicos, religiosos, culturais, estéticos de determinados grupos que são gerados devido a multiplicidade de grupos distintos.

A escola reconhece que necessita de mudanças nas políticas educacionais pedagógicas, o currículo que contemple a diversidade e o combate as práticas discriminatórias. A instituição de ensino através da Lei 10.639/03 que foi amplificada para a Lei 1.645/08, que consta em seu artigo 26 da Leis Diretrizes Básicas da Educação. De acordo com o Parecer do CNE/CP 03/2004 que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004.

Deste modo a escola necessita trabalhar com o projeto político pedagógico que envolva uma educação étnico-racial, mais também incluir no currículo tema que contemple a diversidade étnica que compõe o nosso país.

Sendo assim, através do currículo voltado para uma educação é o reconhecimento de educar para a diversidade não significa apenas reconhecer o outro como diferente, mas refletir sobre as relações

e os direitos de todos, e principalmente, a escola é o espaço sociocultural em que as diferentes identidades se encontram, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares onde influi, ao direito à igualdade e se pratica o respeito à Diversidade Étnico-racial. É preciso educar contra o racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Surya Aaronovich Pombo. **Negrinhos que por ahí andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870 – 1920)**. São Paulo: FEUSP, 2005.(Disertação de Mestrado).
- Ali A, **História Geral da África.VIII África de 1935** Editora UFSCar, São Paulo, 2010,p.13
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008**. Brasília: MEC, 2007.
- BRASIL. **Lei n. 9394, de 20.12.96: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- BRASIL,**Lei 10.639, de 09.01.03: altera a Lei 9394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática: “História e Cultura Afro-Brasileira**
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília – MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, J. M. D. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 52.
- CAVALLEIRO, Eliane (Org.) **Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando nossa escola**. Rio de Janeiro: Editora Selo Negro, 2001, p. 150
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, v.1, 2008.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo**. São Paulo: Editora 34, 1999, p.34.
- GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais Negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- HOOK, B. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, 1995.
- Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico- Raciais para o Ensino de História E Cultura Afro Brasileira http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/271(Acesso no dia 10/09/2013
- Nogueira, Renato. **Nana & Nilo – Que jogo é esse?** Ilustrações de Sandro Lopes HexisEditora 2012.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação e Colonização: as idéias pedagógicas no Brasil**. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.p.127
- SSIS, Ahyas,Caderno PENESB, Relações raciais e educação, Iolanda de Oliveira .2002,p.137

